A
CONSTRUÇÃO DA POSIÇÃO-SUJEITO NA GRAMÁTICA
UM INSTRUMENTO DE DETERMINAÇÃO DO SABER E DO ENSINO

Scheila Patrícia de Borba Curry[1]
Verli Petri[2]

Resumo

Este artigo objetiva discutir como a posição sujeito-gramático organiza e institui os saberes sobre a língua no instrumento lingüístico gramática. Para tanto, utilizaremos, pelos pressupostos da Análise de Discurso, os conceitos das categorias discursivas, como sujeito, posição-sujeito, língua, entre outros. Do interior da gramática destacaremos os textos de *Apresentação*, buscando observar que escolhas discursivas faz esse sujeito, afetado ideologicamente pelo discurso fundador da NGB de 1959, o qual institui um modelo de pensar e de dizer sobre a língua. Sendo assim, buscaremos, mais adiante, compreender como esse sujeito gramático, enquanto resultado de tomadas de posição, se institui e se coloca como sujeito produtor do saber sobre a língua.

PALAVRAS-CHAVE: posição-sujeito, língua, ensino.

1 Sentidos constitutivos do sujeito e da gramática

Considerando o processo de ensino escolar gramatizado, nos propomos a tratar do ensino da língua a partir de uma abordagem discursiva, que determinará como ponto central para discussão o funcionamento do sujeito que produz a gramática da língua, pois sabemos que é a partir dele que os sentidos e saberes sobre o ensino de língua se articulam e chegam até um sujeito leitor. Essa categoria foi delimitada como ponto de nivelamento de nossas discussões em função de que é ela quem movimenta e institui os dizeres no discurso. A partir disso, então, nos propomos a trabalhar a questão do sujeito a partir de um observatório da linguagem que são os instrumentos lingüísticos, dentre os quais nos pontuamos na gramática. Esse lugar do dizer nos levou a refletir sobre como o sujeito gramático formula e apresenta questões que, embora sejam da ordem do científico da linguagem, objetivam estabelecer a totalidade dos sentidos, ou seja, procuram dar uma noção de completude da língua, elevando o ensino a um lugar de totalidade, que molda o sujeito leitor.

Pontuando o ensino de língua como reflexão central do trabalho, olharemos o sujeito como ponto de articulação dos sentidos no discurso gramatical, buscando com isso discutir o funcionamento do discurso, enquanto lugar de significação, o qual articula diferentes saberes. A partir desse funcionamento que o sujeito possui na língua, afirmamos, com base em Pêcheux (1995), que essa voz enunciadora, de forma ilusória, acredita estar realmente estabelecendo sentidos únicos, não ditos anteriormente. Há uma ilusão de formulação do dizer que gera o "sentimento" de 'origem' do que é dito (PÊCHEUX, 1995), funcionando como um dos esquecimentos que afetam o sujeito.

Consideramos que dentro da materialidade lingüístico-discursiva (língua) há um sujeito constituído por múltiplas faces, as quais abrigam seu funcionamento e remontam ao processo sócio-histórico. Nesse sentido se realiza a relação estabelecida com a língua, com a história, com o simbólico, sendo essas categorias fundamentais para que o sujeito se filie a 'este' e não 'aquele' sentido (ORLANDI, 2003, p. 23). Esse funcionamento do sujeito será pensado a partir das considerações de que ele é incompleto, heterogêneo, afetado por formações ideológicas que o situam de determinadas posições também ideológicas, afetado pela ilusão de que tem consciência e controle do dizer. Ao ser instituído assim, se instaura

---

[1] Aluna do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Santa Maria.
[2] Professora Orientadora do trabalho.

como uma voz que organiza saberes, procurando construir sentidos que buscam ensinar uma língua normatizada, deflagrada pelo simbólico[3], ou seja, por um efeito do dizer que, nesse caso, se estabelece num lugar, que é o da norma e não a do uso da língua. Esse ensino de língua datado por um discurso normatizante está, conforme Mariani (1998, p. 89) regido por uma rede de significantes instaurada no imaginário do sujeito produtor desse saber, sendo possível de constituir sentidos, se consideradas condições de produção ideais da língua. Esse movimento do discurso é norteado pelas escolhas discursivas do sujeito gramático, no sentido de fortalecer a língua nacional, materna, fundadora da nação, a qual passa a 'confrontar-se' com uma 'outra língua, que é a língua do real. A essa denominamos *língua silenciada*, visto que não é descrita no instrumento lingüístico gramatical, mesmo sendo de uso do sujeito falante.

A partir dessa relação do sujeito (produtor dos sentidos gramaticais) com a língua, discutiremos o funcionamento que essa posição sujeito tem no discurso. Assim, acreditamos que, na materialidade lingüística da gramática, encontraremos um sujeito gramático ocupando uma posição[4] afetada ideologicamente pela história.

2 Algumas reflexões sobre a posição-sujeito gramático

Ao deslocarmos o olhar das regras propriamente ditas para a categoria discursiva da posição-sujeito gramático, percebemos que de forma mais ou menos consciente é que ocorreram as escolhas discursivas que norteiam a descrição da língua. Compreendemos que o sujeito é colocado como um lugar significante, no qual os sentidos o interpelam, deslocando-o para uma posição, para uma tomada de lugar no discurso. Esse sujeito ao estar um numa determinada posição, que a da normatização da língua, possui um 'comportamento' essencialmente didatizante, o qual gera no sujeito leitor a noção de completude de sentidos.

Com isso, passamos a dizer que a gramática[5] se constitui como um importante instrumento lingüístico (AUROUX, 1992), no qual há não só a marcação do lugar do saber e do sujeito brasileiro, mas principalmente a constituição de uma base científica que estabelece a língua brasileira.

Nessa perspectiva, historicamente reconhecemos um processo de gramatização[6] no Brasil, uma forma de estabelecer um processo de consolidação da identidade nacional (ORLANDI, 2003, p. 24). Assim a gramática, pelo tempo, assume um valor político que rege as relações dos sujeitos com a língua, com o saber.

Ela determina as regras do bem dizer, as quais se resume sua utilidade até os dias de hoje. Sendo assim essas concepções nos colocam num lugar de reflexão sobre o funcionamento do saber gramatical, fazendo-nos olhar o funcionamento daquele que produz

---

[3] A noção de simbólico é aquilo que, na linguagem, é constitutivo do sujeito como efeito. Ou seja, enquanto estruturado por linguagem, o simbólico está relacionado ao processo do significante e do sócio-histórico na constituição do sujeito de tal forma que, posto em relação à experiência no mundo, possibilita que sentidos sejam sempre produzidos. (Mariani apud HENRY, 1998, p. 88).

[4] Indursky (1998, p. 76) coloca que o conjunto das posições de sujeito evidenciam diferentes formas de se relacionar com a ideologia e é esse elenco de posições-sujeito que vai dar conta da forma-sujeito.

[5] Auroux (1992, p. 69) afirma que a gramática não é uma simples descrição da linguagem natural, é preciso concebê-la também como um instrumento lingüístico. Ela dá acesso a um corpo de regras e de formas que não figuram junto na competência de um mesmo locutor. Nesse sentido a gramática se constitui como um instrumento da língua e do saber, o qual funciona como uma ferramenta de consulta, para onde o sujeito leitor se movimenta quando deseja 'adequar' seu modo de dizer.

[6] Por gramatização deve-se entender o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalingüístico: a gramática e o dicionário. (AUROUX, 1992, p. 65)

esse conhecimento, ou seja, o sujeito gramático, o qual constitui seu discurso a partir de uma posição sujeito afetado por certas concepções marcadas por sua identificação ou não com dado conhecimento da língua.

Dessa relação emerge um sujeito afetado ideologicamente no discurso[7]. Há uma interpelação do sujeito pela ideologia, deslocando sentidos, a partir das escolhas que esse sujeito ideológico faz. Com isso, pode-se entender que o discurso é afetado pela exterioridade, pelos sentidos que constituem os lugares sociais, ou melhor dizendo, o corpo social, sendo "sempre determinados ideologicamente". Tudo o que é dito está amparado por um posicionamento, por uma forma de entender, a qual é ativada em função do que o sujeito se identifica mais.

3 A importância da gramática na institucionalização e ensino da língua

A gramática emerge da necessidade de se formalizar os usos da fala e/ou da escrita. Esse trabalho parte de um sujeito, denominado gramático, o qual, pelo conhecimento aprofundado que tem da língua, constrói um lugar de consulta e estudo para onde se dirigem professores, alunos e quem mais tiver interesse em tratar das regras gramaticais. Esse sujeito gramático, para construir sua produção, fala de um lugar afetado ideologicamente pelas relações de normatização da língua, as quais provêm de um momento fundador que é 1959, com a instituição da NGB. Mesmo não tendo a gramática um vínculo explícito com a política, é pela língua que o poder, através desse instrumento, constrói suas bases, já que busca significar para o outro-nação. Sendo assim, o sujeito gramático, produtor desse material, passou a ocupar uma posição de instrutor da língua, instituindo o ensino através de um discurso normativo. Ao ser interpelado ideologicamente pelos valores da política nacional, produz um material que serve como ferramenta de intervenção do poder sobre o outro.

Considerando isso, a Análise de Discurso, passa a olhar a gramática, buscando refletir sobre os processos de construção desse discurso que lhe é constitutivo. Conforme Orlandi (2003, p. 21), "uma materialidade lingüística precisa primeiramente produzir sentido de 'alguém' para 'alguém'", ou seja, de sujeito para sujeito; e, nessa relação, a posição sujeito gramático começa a funcionar fazendo emergir quem diz e como é dito. Ao colocar-se em confronto com a língua, esse sujeito passa a constituir sentidos, os quais o posicionarão de uma forma e não de 'outra' no discurso. Essa relação propõe que o sujeito, ao ser interpelado, por determinadas formações discursivas, desloca-se ideologicamente, produzindo no discurso um efeito de seu dizer. A posição-sujeito, segundo Orlandi (1988, p. 33), está subordinada às formações discursivas:

> as diferentes posições-sujeito correspondem a diferentes formações discursivas que, por sua vez, se configuram pelas diferentes relações que estabelecem com a ideologia. Desse modo, as diferentes formações discursivas indicam que o sujeito é ideologicamente.

É a partir desse funcionamento que olhamos a gramática: um discurso constituído por uma posição-sujeito que busca divulgar o ensino da língua através de uma reflexão normativa sobre a língua, atrelando valores e considerações sobre as regras que regem o sistema lingüístico.

4 Considerações finais

[7] O discurso, segundo Orlandi (2003, p. 43), se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro.

Nesse entremeio da posição-sujeito-gramático e da língua, está o ensino da língua, que ao ser pensado a partir da gramática, acontece em função da necessidade de regimentar o uso, bem como instituir o que pode ou não ser dito. Circulando em meio a isso, estão professores e alunos, que buscam um lugar de afirmação do dizer. O estudo gramatical, nesse sentido, se faz presente no sentido de que se coloca como um 'aparato', ou melhor dizendo, como uma voz que valida o discurso do 'bem dizer', seja ele em condições de língua escrita ou falada. Assim, as gramáticas, enquanto instrumentos lingüísticos, que buscam mapear e conter o todo da língua, bem como as regras que regem esse 'sistema', trazem consigo a noção de completude e de totalidade da língua, o que, em verdade, não se confirma no decorrer do corpo desse instrumento lingüístico. Isso propõe que se busque refletir sobre o funcionamento desse instrumento da língua, gerando questões, como: que referências ou condições amparam o estudo gramaticista para que ele contenha uma produção da língua que não é necessariamente a língua. Ou seja, que sujeito é esse que ocupa uma posição no dizer, movimentando normas, as quais propõem como inquestionáveis, prescrevendo uma língua normativa, que cabe dentro de determinadas condições de produção, as quais nem sempre atendem aquilo que o sujeito pesquisador ou sujeito professor busca.

É a partir dessa reflexão que buscamos observar como o ensino da língua se institui a partir da posição-sujeito gramático, visto que esta é uma categoria do discurso na qual convergem os sentidos amparados ideológica e historicamente. A posição-sujeito que estudamos constitui-se pelo processo sócio-político-histórico da NGB refletindo com isso, então, na formação dos sujeitos que constroem as gramáticas. O trabalho está em atual estágio de pesquisa, por isso em data futura poderemos revelar regularidades entre gramáticas, observando pontos de aproximação e de distanciamento e sobretudo, investigando a posição-sujeito que esses instrumentos lingüísticos revelam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, Silvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. 1.ed.Campinas: Unicamp, 1992.

INDURSKY, Freda. O sujeito e as feridas narcísicas dos lingüistas. **Gragoatá**, Niterói, n. 01, p. 111-120, semestral.1998.

MARIANI, Bethânia. Ideologia e inconsciente na constituição do sujeito. **Gragoatá**, Niterói, n. 01, p. 87-95, semestral.1998.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso princípios e procedimentos**. 5.ed. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso uma crítica à afirmação do óbvio**. 2. ed. Campinas: Unicamp 1995.